



CENTRO STUDI SEA

ISSN 2240-7596

aipsa edizioni spa

AMMENTU

**Bollettino Storico e Archivistico del
Mediterraneo e delle Americhe**

N. 7

luglio - dicembre 2015

www.centrostudisea.it/ammentu

www.aipsa.com

Direzione

Martino CONTU (direttore), Giampaolo ATZEI, Annamaria BALDUSSI, Manuela GARAU, Patrizia MANDUCHI

Comitato di redazione

Lucia CAPUZZI, Raúl CHEDA, Maria Grazia CUGUSI, Lorenzo DI BIASE, Maria Luisa GENTILESCHI, Antoni MARIMÓN RIUTORT, Francesca MAZZUZI, Roberta MURRONI, Carlo PILLAI, Domenico RIPA, Maria Elena SEU, Maria Angel SEGOVIA MARTI, Frank THEMA, Dante TURCATTI, Maria Eugenia VENERI, Antoni VIVES REUS, Franca ZANDA

Comitato scientifico

Nunziatella ALESSANDRINI, Universidade Nova de Lisboa/Universidade dos Açores (Portugal); Pasquale AMATO, Università di Messina - Università per stranieri "Dante Alighieri" di Reggio Calabria (Italia); Juan Andrés BRESCIANI, Universidad de la República (Uruguay); Carolina CABEZAS CÁCERES, Museo Virtual de la Mujer (Chile); Margarita CARRIQUIRY, Universidad Católica del Uruguay (Uruguay); Giuseppe DONEDDU, Università di Sassari (Italia); Luciano GALLINARI, Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea del CNR (Italia); Elda GONZÁLEZ MARTÍNEZ, Consejo Superior de Investigaciones Científicas (España); Antoine-Marie GRAZIANI, Università di Corsica Pasquale Paoli - Institut Universitaire de France, Paris (France); Rosa Maria GRILLO, Università di Salerno (Italia); Souadi LAGDAF, Struttura Didattica Speciale di Lingue e Letterature Straniere, Ragusa, Università di Catania (Italia); Victor MALLIA MILANES, University of Malta (Malta); Roberto MORESCO, Società Ligure di Storia Patria di Genova (Italia); Carolina MUÑOZ-GUZMÁN, Universidad Católica de Chile (Chile); Fabrizio PANZERA, Archivio di Stato di Bellinzona (Svizzera); Roberto PORRÀ, Soprintendenza Archivistica per la Sardegna (Italia); Sebastià SERRA BUSQUETS, Universidad de las Islas Baleares (España)

Comitato di lettura

La Direzione di AMMENTU sottopone a valutazione (referee), in forma anonima, tutti i contributi ricevuti per la pubblicazione.

Responsabile del sito

Stefano ORRÙ

AMMENTU - Bollettino Storico e Archivistico del Mediterraneo e delle Americhe

Periodico semestrale pubblicato dal Centro Studi SEA di Villacidro e dalla Casa Editrice Aipsa di Cagliari.

Registrazione presso il Tribunale di Cagliari n° 16 del 14 settembre 2011.

ISSN 2240-7596 [online]

c/o Centro Studi SEA
Via Su Coddu de Is Abis, 35
09039 Villacidro (VS) [ITALY]
SITO WEB: www.centrostudisea.it

c/o Aipsa edizioni s.r.l.
Via dei Colombi 31
09126 Cagliari [ITALY]
E-MAIL: aipsa@tiscali.it
SITO WEB: www.aipsa.com

E-MAIL DELLA RIVISTA: ammentu@centrostudisea.it

Sommario

Presentazione	1
Presentation	3
Présentation	5
Presentación	7
Apresentação	9
Presentació	11
Presentada	13
DOSSIER	
Comunidades estrangeiras em Lisboa (séculos XV-XVIII)	15
sob orientação de Nunziatella Alessandrini, Jürgen Pohle	
– NUNZIATELLA ALESSANDRINI, JÜRGEN POHLE Introdução	17
– JÜRGEN POHLE « <i>Os primeiros alemães a procurar a Índia</i> »: Maximiliano I, Conrad Peutinger e a alta finança alemã estabelecida em Lisboa	19
– NUNZIATELLA ALESSANDRINI, SUSANA MATEUS Italianos e cristãos-novos entre Lisboa e o império português em finais do século XVI: vínculos e parcerias comerciais	29
– JORGE FONSECA Impressores e livreiros europeus na Lisboa dos séculos XVI e XVII	49
– RUI MENDES Comunidade flamenga e holandesa em Lisboa (séculos XV a XVIII): algumas notas históricas e patrimoniais	57
– MAR GARCÍA ARENA La situación de los comerciantes españoles en Lisboa desde la perspectiva de los diplomáticos de la monarquía hispánica destinados en Portugal en el Setecientos	91
– LUÍSA VILLARINHO PEREIRA Ourives franceses, lapidários e engastadores de pedraria na Lisboa do século XVIII - seu contributo na arte e na evolução das mentalidades	104
– CARLA VIEIRA Mercadores ingleses em Lisboa e Judeus portugueses em Londres: agentes, redes e trocas mercantis na primeira metade do século XVIII	114
– TERESA FONSECA A comunidade britânica de Lisboa no terceiro quartel de setecentos	133
– CARMINE CASSINO « <i>Pela Nação Italiana, residente em Lisboa</i> »: relações luso-italianas e elementos de italianidade na capital (segunda metade do século XVIII)	144
Ringraziamenti	163

Ourives franceses, lapidários e engastadores de pedraria na Lisboa do século XVIII Seu contributo na arte e na evolução das mentalidades

Goldsmiths, stonecutters and setters of precious stones in Lisbon of the XVIII Century - their contribution in art and in mentality evolution

Luísa VILLARINHO PEREIRA

Investigadora, Secção de História de Medicina / Sociedade de Geografia de Lisboa

Abstract

On the earliest decades of the XVIII century, some goldsmiths, lapidaries and setter of precious stones, pressured to leave France by the restrictions of religion liberty, was attracted by the plenty of gold and precious stones arrived from Brasil to King's John V kingdom. They came to work in Lisbon, bringing inside their souls the light of the new ideas wish grew in Europe. Some Mouton/Vandrevelde/Thirion and Mallet, who got roots in the city, between them developed family ties, and left in noble metal an artistic proof of hope in mentality reforms.

Keywords

Art, Religion, Liberty, Evolution

Resumo

Nas primeiras décadas do século XVIII, alguns ourives, lapidários e engastadores, pressionados a sair de França pelas restrições impostas à liberdade de culto e motivados pela abundância de ouro e pedrarias que do Brasil chegavam à Corte de D. João V, vieram trabalhar em Lisboa trazendo consigo as luzes que despontavam na Europa. O núcleo familiar Mouton/Vandrevelde/Thirion/Mallet, integrado no viver lisboeta, criou laços familiares e deixou em metal nobre o testemunho da sua esperança na reforma das mentalidades.

Palavras-chave

Arte, Religião, Liberdade, Evolução

No início do século XVIII, o intenso movimento do porto de Lisboa, na rota do comércio internacional, evidenciava o prestígio do Magnânimo Rei de Portugal. A aliança firmada com a Casa dos Habsburgo, pelo casamento de D. João V (1689-1750) com a filha de Leopoldo I, Dona Maria Ana d'Austria (1683-1754) fazia prever um auspicioso reinado.



Fig. 1. Lisboa, Paço da Ribeira 1752, in «Ilustração Portuguesa» nº 381, p. 726, 18.06.1913

Subindo a colina, no cimo da Rua direita das Portas de Santa Catarina, existia ainda a volumosa Torre central que condicionava a entrada da urbe a ocidente. As defesas laterais tinham sido demolidas, a do Norte em 1573 para ampliação da Igreja do Loreto, e a do lado Sul em 1702 para construção da Igreja da Encarnação, que veio a abrir portas no ano de 1708. Na baixa lisboeta, a antiga Rua Nova era então o centro dos negócios e do bulício citadino. Mas a par do regosijo pela chegada da nova Rainha o coração da cidade estava ainda ensombrado pela sinistra Inquisição.

A Reforma da Igreja iniciada na Alemanha por Martinho Lutero (1483-1546) que em 1515 nas 95 teses que afixara em Vittenberg, defendera a leitura e interpretação pessoal do Evangelho, tardava a chegar a Portugal.



**Fig. 2. “As Theses de Lutero Affixadas em Vittenberg”,
Quadro de Lessing, grav.ª de J.L. Raab (coleção particular)**

Em França a Reforma protestante de João Calvino (1509-1564) severo Humanista, fundador da Academia de Genebra que aliou o conhecimento intelectual às novas ideologias religiosas, dera seguimento à rotura da unidade Cristã proclamada na Alemanha. Na evolução das mentalidades, as guerras entre religiões que assolaram a França causando as trágicas carnificinas dos huguenotes em Vissy e Paris no século XVI, tinham abrandado a beligerância após a promulgação em 1598 do Édito de Nantes. A Paz foi restaurada em França por Henrique IV, que definiu direitos aos protestantes calvinistas franceses, concedendo-lhes plena liberdade de consciência e do culto privado e atribuindo subsídios às escolas protestantes. Na costa atlântica, La Rochelle era então um reduto fortificado da Igreja Reformada, recebendo por mar auxílio da Inglaterra, situação que levou ao cerco de 1627/1628, ordenado por Louis XIII, até à capitulação dos huguenotes e da consequente perda dos seus direitos políticos, militares e territoriais, sendo-lhes concedido apenas o direito de culto. Em 1715, as decisões de Luís XIV, proclamadas no Édito de Fontainebleau, vieram revogar todas as liberdades concedidas pelo anterior Édito de Nantes, sendo ordenado o fecho das Igrejas e escolas protestantes. Esta decisão causou uma intensa

migração das elites económicas e técnicas dos franceses, nomeadamente no ramo do fabrico do vidro e da seda, cerâmica e outras manufacturas. Por iniciativa própria o tecelão francês Robert Godin em 1727 veio fundar em Lisboa a Fábrica das Sedas, que entrou em laboração em 1734, no Bairro da Cotovia.

Em Portugal, desde o último quartel do século XVII que o recrutamento de técnicos e artistas estrangeiros vinha favorecendo o progresso da indústria nacional e minando os interesses da França. Artífices e comerciantes que chegavam a Lisboa na sua maioria sem fundos, logo que conseguiam obter os primeiros lucros casavam com mulheres portuguesas desligando-se dos objetivos comerciais do seu país natal. A *Confraria do Bem-Aventurado St. Louis Rei de França*, cujo Compromisso remonta a 1577, já um século antes obtivera privilégios do Rei D. Afonso V. Instalada numa capela independente da Igreja de São Julião, passou depois pela Ermida da Oliveira e pela Igreja de Santa Catarina, de onde foi desalojada pelo terramoto de 1557. Posteriormente esteve sediada na Igreja da Vitória e finalmente comprou um chão extra-muros, junto às Portas de Santo Antão. Neste período de investimento mereceu apoio do Embaixador da França em Lisboa, sendo instituído o *Direito de S. Louis*, uma taxa fixa sobre todos os navios franceses surtos no Tejo. A Igreja só ficou concluída em 1622, constituindo local de encontro e amparo da comunidade dos pequenos comerciantes e membros da Feitoria. Pelo grande Terramoto de 1755 veio a sofrer pesados danos sendo reconstruída durante a gestão do Abade Garnier, a expensas da Corte de Versailles.



Fig. 3. Lisboa, 01.11.1755, in *História de Portugal, de Pinheiro Chagas (coleção particular)*

Tornou-se então uma Fundação Real, designada por S. Luis do Rei de França, incluindo no piso superior instalações hospitalares para marinheiros e comerciantes pobres.

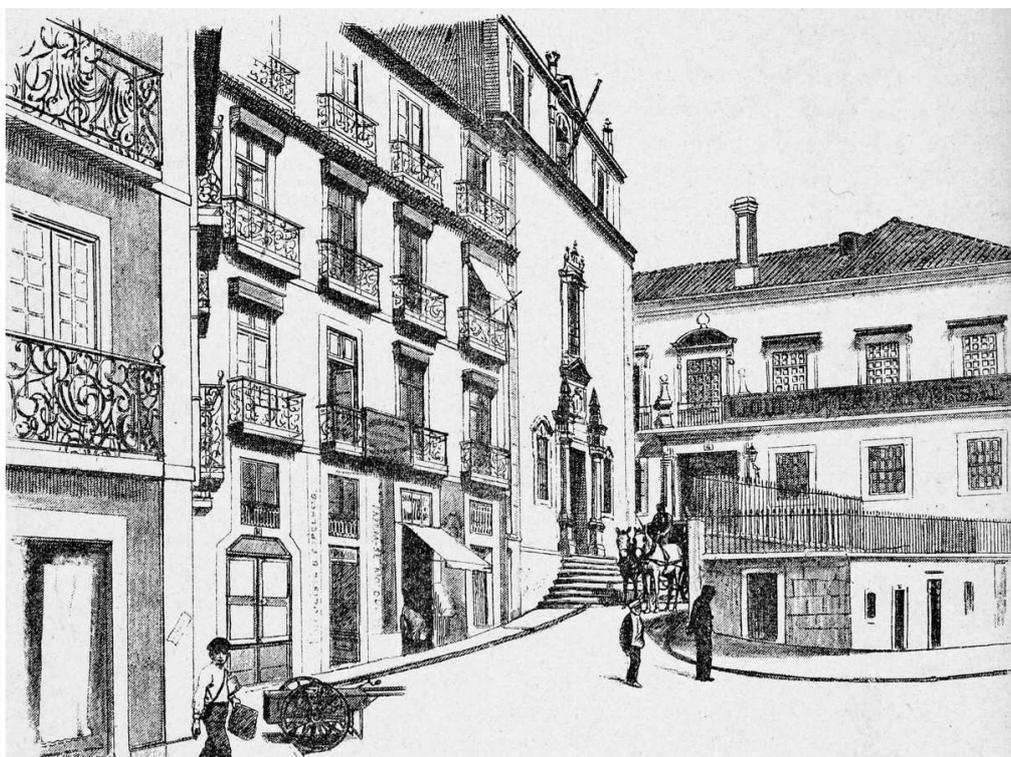


Fig. 4. Igreja de St. Louis, Rei de França, grav. de J. Novaes, in Lisboa de Alfredo Mesquita, 1903 (coleção particular)

No decorrer do século XVIII, os representantes consulares da Nação Francesa lutaram arduamente mas em vão contra o êxodo da mão obra especializada, que reduzia no mercado internacional a competitividade dos produtos franceses. Mediante restrições legislativas a França tentou manter os seus interesses, restringindo qualquer vantagem pessoal aos comerciantes que casavam com mulheres de outra nacionalidade. O Decreto de 21.12.1716 tinha retirado os direitos de cidadania e privilégios aos filhos dos franceses casados com mulher estrangeira nos portos e cidades de Itália, Espanha e Portugal, reduzindo assim drasticamente o número de comerciantes que mantinham fidelidade ao *Corp de La Nacion* ou seja aos interesses de França. Muitos dos protestantes estabelecidos em Portugal aderiram ao catolicismo para poder exercer o seu negócio, outros buscaram protecção junto dos britânicos e holandêses, solidários com os huguenotes e sua liberdade de consciência. A norte da cidade, no austero Palácio do Tribunal do Santo Ofício, próximo ao Hospital Real de Todos-os-Santos, em 1743-1744 foram detidos três lapidários que ousaram debater ideias na Corte de D. João V.

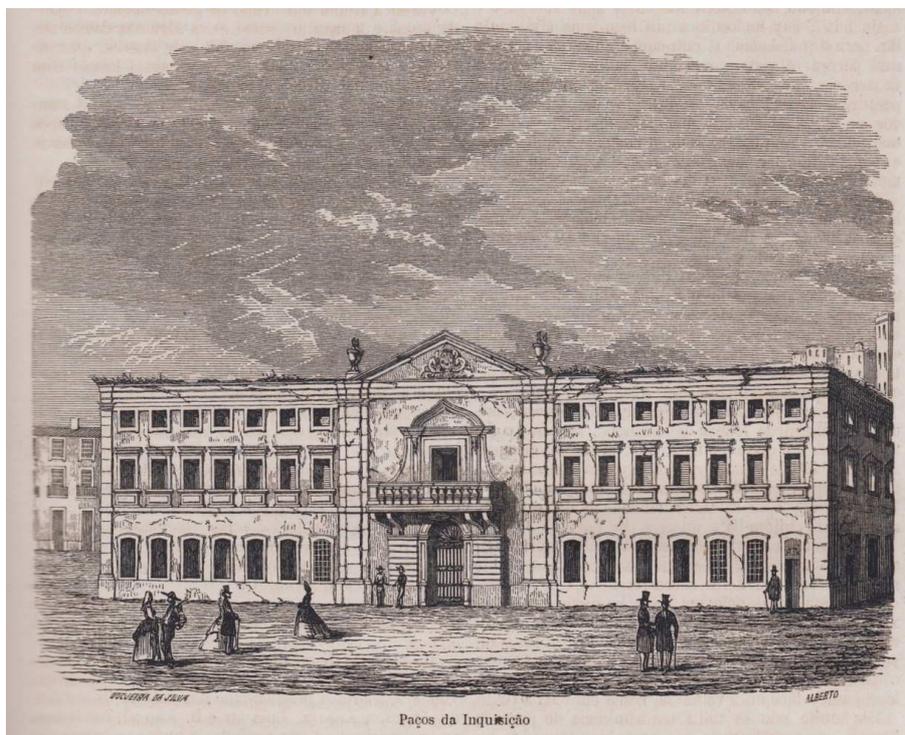


Fig. 5. Paço da Inquisição, desenho e gravura de Nogueira da Silva / Alberto, in «Archivo Pittoresco», VI, nº 5, p. 37, 1863

O suíço John Coustos (1703-1746), natural do Cantão de Basileia com ascendência francesa e anos de vivência em Londres, foi acusado de hereje protestante, torturado e sentenciado a quatro anos nas Galés por introduzir e praticar em Portugal a *Seita dos Pedreiros Livres*, condenada pela Sé Apostólica. Lapidário de Diamantes, filho e neto de huguenotes exilados, obtivera a nacionalidade britânica e percorrera o mundo tendo assimilado as novas luzes da época¹. Em Inglaterra, nos primórdios do século XVIII, a população mais humilde descontente com a corrupção existente no seio da Igreja reunia-se procurando uma aliança fraterna que regenerasse a sua religião. Ao tempo Sir Isaac Newton (1642-1727), cientista que marcou a História da Ciência com as suas múltiplas teorias e acreditava na existência de um só Deus, era uma figura inspiradora.

John Coustos, filho do médico Isaac Coustos e casado com senhora inglesa era Venerável de Loja maçónica em Londres e trazia consigo uma mensagem aliciante de fraternidade. Em Portugal veio morar na Rua Nova, a mais concorrida artéria do burgo lisboeta (que hoje podemos rever por uma fiel aguarela de Roque Gameiro).

¹ ROBERT FREKE GOULD, *The History of Freemasonry [...]*, vol. III, London 1887, p. 369.



Fig. 6. Rua Nova, sec. XVIII (aguarela de Roque Gameiro)

Tendo integrado a primeira Loja francesa instalada em Lisboa que, a curto prazo, foi perseguida pela Inquisição, levando à prisão e tortura três lapidários, o mencionado Coustos, Jean Thomas Bruslé, nascido em Paris (1699) e o 2.º Vigilante, Alexandre Jacques Mouton (1704-1746)². Este que fora baptizado em St. Barthelemy de Paris e casara com Marguerite Lefèvre, irmã do *diamantaire* Louis Lefèvre consorciado em Lisboa com a portuguesa Francisca Ferreira, foi igualmente torturado pela Inquisição, tendo sido condenado a quatro anos fora do Patriarcado, por seguir a *Seita dos Pedreiros Livres*. Denunciado por informação colhida através do confessorário, Alexandre Mouton fora arditosamente atraído a uma ourivesaria com promessas de trabalho, tendo sido preso e lançado nos calabouços da Inquisição. Assim como seus companheiros, os três desfilaram no Auto de Fé ocorrido em 21.06.1744, frente à Igreja do Convento de São Domingos. Pelas diligências de Lord Compton, Embaixador da Grã-Bretanha em Lisboa, que intercedera por Coustos, Mouton conseguiu vir a embarcar no *Damieta*, vaso de guerra holandês surto no Tejo, que largou de Lisboa para Londres em 13.11.1744³.

² JOÃO CUSTON (COUSTOS), ALEXANDRE JACQUES MOTON (MOUTON) E JOÃO THOMAZ BRUSLÉ - L.T.V.I.L.R.D.M., *Procedures Curieuses de L'Inquition de Portugal contre Les Francs-Malçons. Dans La Vallé de Josaphat, L'An de la fondation du Temple de Salomon, MM.DCCC.III.* (Digitized by Google), pp. VII e VIII (digs. 8, 14 e 15).

³ GRAÇA E J. S. DA SILVA DIAS, vol. II, tomo I, nota 1, pp. 229-230. ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO, LISBOA (doravante ANTT), *Inquisição de Lisboa*, Proc. 257.

Os inquéritos e punições exercidos em Portugal pelo “Tribunal do Santo Offício” muito antes tinham atingido significativas figuras nacionais, como o Padre António Vieira preso de 1663 a 1667; as primeiras denúncias aos que defendiam a Fé contra a heresia, através da jurisdição eclesiástica determinada por Roma para todos os países onde existisse religião católica, tinham ocorrido primeiro na cidade de Évora em 1537 e, três anos depois, na Ribeira de Lisboa foram realizados os primeiros Autos-de-Fé. Os procedimentos da Inquisição em Portugal durante quase três séculos até à sua extinção em 05.04.1821, deixaram rasto de infames e repetidos crimes.

Não obstante esta opressão sobre os estrangeiros radicados em Lisboa, o brilho da Corte do Reinado de D. João V, que viu equiparada a Coroa Portuguesa às potências católicas ditas de primeira grandeza, chamou a Portugal os melhores artistas bem como eruditos vultos das Letras e da Medicina que contribuíram para a posterior reforma do Ensino em Portugal. As redes familiares que interligavam diferentes origens tiveram forte expressão no ramo da ourivesaria como nos recorda a figura do Ourives e Arquitecto João Frederico Ludovice (1673-1752), autor do traçado do Palácio e Basílica de Mafra e responsável pela “Escola do Risco” junto da emblemática obra em construção. Já viúvo de Clara Morelli, veio a casar de novo em 1720 com Ana Maria Verney, filha do boticário de Lyon Dionízio Verney casado com Maria da Conceição Darnaut [de Arnaut] e estabelecido na Rua Nova do Almada⁴. Dois dos seus cunhados estavam integrados no viver citadino, Henrique Verney como Administrador da Casa da Índia e Luiz António Verney (1713-1792) que estudara no Colégio de Santo Antão de Lisboa e no da Madre de Deus em Évora vindo a concluir Teologia e Jurisprudência em Roma, contribuiu significativamente para a reforma do Ensino. O seu *Verdadeiro Methodo de Estudar para ser útil à Republica, e à Igreja, proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal* (1746), escrito numa linguagem pouco académica, realçou a vantagem do método romano sobre o ensinado pelos Jesuítas. Contemporâneo do português António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783), que igualmente favoreceu a evolução do conhecimento com o seu *Methodo para aprender e estudar medicina, ilustrado com os apontamentos para estabelecer-se uma Universidade real na qual deviam aprender-se as ciências humanas de que necessita o estado político e civil*, Luiz Verney defendia a simplificação do Ensino demasiado teórico através de exemplos práticos, pago a expensas do Estado e para ambos os sexos.⁵

Ainda na área da Medicina, em 1749, a convite de Sebastião José de Carvalho e Mello, veio exercer em Lisboa o antigo Cirurgião-mor do Hospital Militar de Viena, Pierre Jazede Dufaut (1713-1806). Natural de St. Germain de Conches, foi nomeado Lente de Anatomia do Hospital Real de Todos-os-Santos em 01.03.1750, tendo feito imprimir durante a sua regência três obras: o *Tratado de Osteologia*, a *Breve e compendiosa dissertação da antomia pelo que respeita aos ossos do corpo humano* e a *Exposição da anatomia pelo que respeita á Osteologia e á Sarcologia*. A par deste erudito contributo não descurou porém os negócios, tendo mandado vir de França os primos Casalong para dirigir a casa comercial “Casalong, Dufau & Cie”, fundada na capital do Reino. Agraciado com a Ordem de Cristo em 14.06.1753, já no período da reconstrução de Lisboa veio a ser Jubilado em 1764 e, no ano imediato, ocupou o

⁴ Maria da Conceição Arnaut, nascida em Penela, bispado de Coimbra, filha do negociante de Drogas de Botica, Diogo Arnaut. LUÍS MIGUEL QUEIROZ, *O Homem que Ensinou Portugal a Ensinar*, in «Jornal Público», 23.07.2013; *G.E.P.B.*, vol. 34, p. 712.

⁵ *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Editorial Enciclopédia Limitada, Lisboa - Rio de Janeiro, vol. XXXIV, pp. 712 a 716, e vol. XXV, pp. 627 a 630.

cargo de Cirurgião do Real Colégio dos Nobres, regressando mais tarde ao seu país natal⁶.

Nas redes familiares entre estrangeiros radicados em Portugal, outra das irmãs de Luis António Verney, Luisa Thereza, foi casada com Pierre Joseph Chevalier, filho de Jean Baptiste Chevalier negociante por grosso de galões de ouro e prata. Em França, na cidade de Bonny, no Vale do Loire, igualmente os ourives Mallet, também negociantes de tecidos e galões em Paris e Lisboa, através do matrimónio criaram laços com os Chevalier e os La Roche, estes últimos que em Lisboa estavam ligados aos Jorge, Armadores e Negociantes italianos, moradores na Junqueira.

Ainda antes do grande Terramoto de Lisboa, tragédia que despertou a ironia de Voltaire (1694-1778), o Rei D. João V em 20.10.1747 nomeara Engastador de pedraria da Casa Real o ourives francês Louis Mallet de Vignielle (1720-1774) nascido nas margens do Loire⁷. Bonny, o seu torrão natal, era um antigo senhorio episcopal do Bispado de Auxerre rodeado por muralha defensiva com nove torres e quatro portas, que ganhara incremento na encruzilhada da Estrada de Lyon-Paris. Durante a guerra entre religiões, no período de 1562 a 1689 fora reduto dos huguenotes, mas manteve de pé a sua centenária Igreja de Saint Aignan, onde viriam a ser abençoados dois futuros ourives, Claude Noel e Paul Victor, sobrinhos do citado Louis Mallet, que vieram para Lisboa nos anos setenta do século XVIII. O primeiro, Cláudio Natal Mallet (1760-1805), já com seu nome ajustado à língua portuguesa, teve loja de ourives do ouro e cravador de diamantes, na Rua direita das Portas de Santa Catarina, frente à Tv. de São Francisco (actual rua Ivens). Em 1781 casou na Igreja de Santa Justa com Margarida Angélica Thirion, filha do engastador de pedraria e pérolas Louis Thirion e de Madalena Vandrevelde, sobrinha de Alexandre Jacques Mouton, cuja memória do sofrimento havido nos calabouços da Inquisição terá por certo inspirado seu irmão Paul Mallet (1762-1844) na marcante obra de ourivesaria que veio a realizar.

Entre os franceses radicados em Portugal que mantiveram fidelidade ao “Corp de La Nation” e ao seu regresso a França, destacaram-se alguns outros membros da citada “Loja dos Pedreiros Livres”, entre os quais Louis Palyart, negociante de tecidos com uma das mais importantes casas de negócio de Lisboa, e o comerciante Jacome Ratton (1736-1822) que marcou pela inovação nas manufacturas portuguesas, tendo fundado diversas fábricas e introduzido inéditos mecanismos na indústria. A par das manufacturas, a sua produção agrícola na Barca d’Alva forneceu 3000 amoreiras para a manutenção do fabrico da Seda e foi responsável pela arborização do “Passeio Publico”, em 1764, desenhado pelo Arq. Reinaldo dos Santos (1731-1791). Já no exílio em Londres a publicação das suas *Recordações* legou à memória portuguesa um inegalável e valioso testemunho do período pós terramoto. No ramo dos Livreiros, os Bertrand, os Rey e os Borel, oriundos de Monestier e Briançon, dominavam o mercado de Lisboa.

Em 1762, para exercer em Portugal os estrangeiros foram obrigados à naturalização portuguesa, medida legislativa que reforçou a sua integração na sociedade e os laços familiares criados pelo matrimónio com portuguesas. Estes artistas e comerciantes radicados em solo português jamais iriam regressar a França, não obstante as nefastas perseguições da Inquisição e o excessivo zelo do Intendente Pina Manique. Os ecos da Revolução Francesa de 1789 vieram ampliar as preocupações da

⁶ JEAN-FRANÇOIS LABOURDETTE, *La Nation Française à Lisbonne de 1669 a 1790, Entre Colbertisme et Liberalisme*, FCG-CCP, Paris 1988, pp. 255-256, 475, 536, 580 e 608; *G.E.P.B.*, vol. 9, p. 337.

⁷ ANTT, *Registo Geral de Mercês, D. João V, Lv. 37, fl. 436v*; ANDRÉ LA GARDE E LAURENT MICHARD, *Voltaire / L'Autodafé*, em *XVIIIe Siècle les Grands Auteurs Français du Programme*, Les Éditions Bordau a Paris, IV, p. 166.

Intendência Geral da Polícia, no último quartel do século XVIII. Diversos artigos vindos de França, leques, caixas de rapé, imagens e impressos proibidos, difundiam a moda e os cânticos revolucionários que assustavam os responsáveis pela ordem pública. Nas ruas de Lisboa, grupos de marinheiros dos navios franceses surtos no Tejo, percorriam a capital entoando cânticos de Liberdade.

Neste fim de século de angustiantes receios, os citados irmãos Claudio Natal Mallet e Paul Mallet, ambos ourives do ouro com laços familiares ao sentenciado Alexandre Jacques Mouton e bem assim ao Engastador de pedraria da Casa Real, Louis Mallet de Vignielle, vieram a ser presos; o primeiro por suspeita de reuniões subversivas na própria loja e seu irmão mais novo (posteriormente detido na Cidadela de Cascais em 1809), tinha aberto Fábrica de Ourivesaria e Esmaltes, na Rua Áurea, vindo a ser Autor da magnífica Custódia ainda hoje existente no Museu de Arte Sacra do Funchal, considerada uma peça marcante da Ourivesaria neoclássica portuguesa.



*Fig. 7. Custódia - MASF 238 / Autor: Paul Mallet (1762-1844) -
Ouro cinzelado relevado e vazado com crisoberilos / 1799 - Museu de Arte Sacra do Funchal.
(fot. João José Edward Clode, 2014)*

Nesta obra de 1799, nas duas simbologias facciosamente mutiladas, o autor terá pretendido expressar a sua mensagem de esperança na renovação da Igreja, quiçá com a miniatura da Arca de Noé salvando do Dilúvio os escolhidos por Ordem Divina, quiçá pela evocação da mítica Fénix renascendo das cinzas.

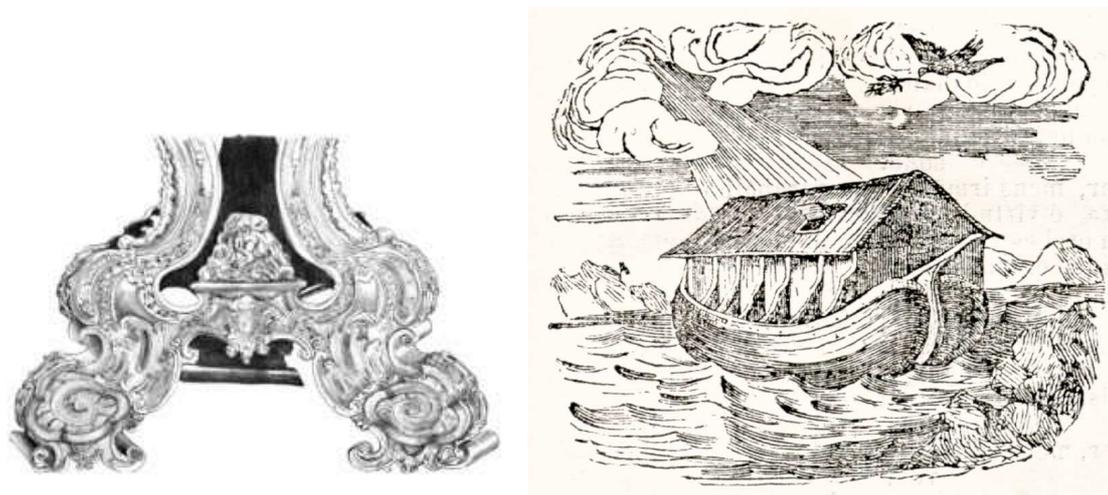


Fig. 8-9. Custódia - MASF 238 / pormenor da base, mutilada (desenho de Luís Pamplona segundo fotografia de Pedro Clode) iluminura “Arca de Noé”

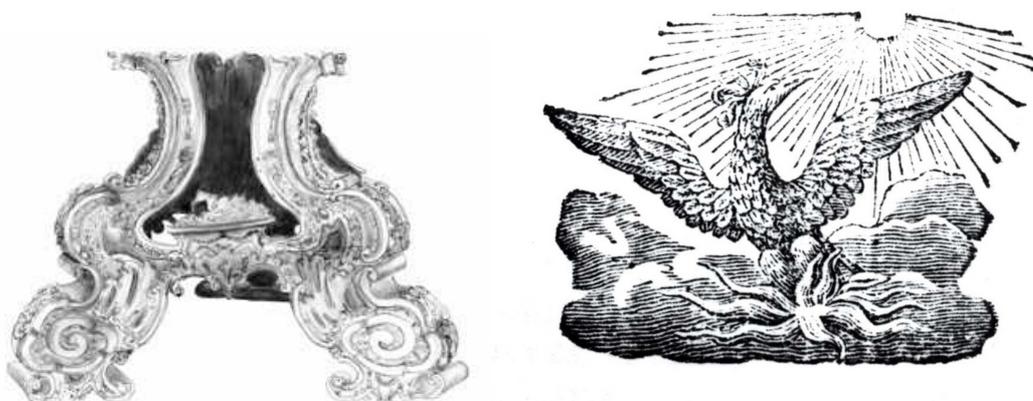


Fig. 10-11. Custódia - MASF 238 / pormenor da base, mutilada (desenho de Luís Pamplona segundo fotografia de Pedro Clode) iluminura “Fénix”

A memória do sofrimento infligido a Alexandre Jacques Mouton, tio-avô da cunhada do autor, terá por certo contribuído para esta significativa afirmação artística, que evidencia ainda hoje em metal nobre o empenho dos ourives franceses na tão desejada mudança de mentalidades.